



Manifestações conflituosas no território petrolífero-portuário do Açú, Norte do estado do Rio de Janeiro

Rosangela M. A. Benevides-Guimarães, Denise C. T. Terra

Em muitos territórios estratégicos do Brasil e de outros países da América Latina (AL) são observados conflitos sociais que se inscrevem no contexto neoextrativo. Este é o caso do Açú, em São João da Barra, onde foi construído o Complexo Industrial e Portuário do Açú. Com o objetivo de compreender as inter-relações dos conflitos sociais no Açú, associadas ao empreendimento portuário, realizou-se um mapeamento das principais manifestações e objetos de reclamação, nos Blogs do Pedlowski e do Roberto Moraes, mantidos pelos doutores Marcos Pedlowski e Roberto Moraes, professores e pesquisadores da região de estudo, no período de 2013 a 2019. As principais manifestações conflituosas estão relacionadas com as desapropriações de terras, com pico de ocorrência em 2014, 2015 e 2017, e com as condições de trabalho, com pico em 2014 e 2015. Outras manifestações foram identificadas, como as que têm como objetos de reclamação a salinização de água e solo, a erosão costeira, a exclusão de área de pesca e o assoreamento do canal de acesso ao mar. O estudo se baseou na compreensão do Observatório dos Conflitos Sociais (IPPUR/UFRJ), de que os conflitos sociais abrangem toda a manifestação social que tenha atores sociais coletivos e/ou institucionais, que se apresente no espaço público, como protestos, greves, passeatas, denúncia em meio de comunicação, representação na justiça e em órgãos públicos, manifestando relações conflituosas em face do objeto de reclamação. Os projetos neoextrativos, possuem entre suas características a conflitualidade, sobretudo devido às expropriações de terras e outros recursos naturais. No Açú, nos anos de maior ocorrência de manifestações conflituosas associadas às desapropriações de terras, foram observadas questões relativas à ausência de pasto e de água para consumo do gado, ocasionando a mortes de animais —, caso que ficou conhecido como “Vaca Tolada”—, intensificando a indignação social e dando início a um movimento de reocupação das terras, que foi respondido com repressão e intimidação por parte da empresa. Em 2017 o movimento de reocupação atinge seu auge, diante de aproximadamente 80% dos desapropriados ainda não terem recebido as compensações justas pela terra. Desta maneira, sem a pretensão de dar conta de todas as manifestações conflituosas, com base na literatura os conflitos sociais no Açú revelam, além das inter-relações com o movimento global de controle de terras e território pelo capital financeiro (David Harvey) e com a expropriação de recursos naturais e trabalho na AL, associada ao “consenso das commodities” (Maristella Svampa), sobretudo uma inter-relação com a resistência dos desapropriados do Açú.